

DEFICIÊNCIAS DOS ALUNOS NO CONHECIMENTO DO PORTUGUÊS

Clóvis Barleta de Moraes *

Pode parecer estranho apresentar, como homenagem ao ilustre helenista francês Prof. R. H. Aubreton, um pequeno artigo que pretende discutir as deficiências dos alunos brasileiros no conhecimento da língua portuguesa. A estranheza, contudo, assaltará apenas os que não conheceram de perto o extraordinário e dinâmico professor.

Ainda que Catedrático de Língua e Literatura Grega da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, nunca deixou de se empenhar na solução dos problemas do ensino do latim e do português. Procurou transmitir aos brasileiros sua cultura e sua experiência européia. Quando não encontrava em obras sobre língua portuguesa solução para as suas dúvidas, sugeria aos professores e até mesmo a seus alunos, que estudassem a questão, indicando muitas vezes obras francesas onde se discutia um fato semelhante.

A menção de um episódio mostrará até aonde ia sua dedicação. Desejando explicar aos alunos certa construção grega, e não encontrando em português um modo de exprimir com exatidão a idéia do original, foi consultar gramáticas e professores; como as informações obtidas, entretanto, não o satisfizessem, pôs-se a ler os **Sermões** de Vieira até encontrar a solução desejada. E encontrou.

Talvez o que se possa dizer de mais elogioso a respeito do Prof. Aubreton é que êle conseguiu incutir num grupo de jovens brasileiros, hoje professores universitários, alguma coisa da sua seriedade no trabalho e dedicação a êle, algo do seu

(*) Ex-aluno do Prof. Aubreton, leciona Língua Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília na qualidade de Instrutor.

entusiasmo, do seu interêsse, da sua atividade febril no campo do ensino e no campo das letras.

* * *

Muito se tem dito a respeito das graves deficiências que os nossos alunos apresentam no conhecimento da língua pátria. Se no Curso Secundário o problema é sério, no Curso Superior se torna calamitoso. Como essa imperfeição nunca mais é sanada, vemos constantemente casos desastrosos de médicos, engenheiros, advogados, professôres, jornalistas, que não sabem usar com segurança e clareza a língua do país.

Espera-se que os estudantes vindos do Curso Secundário tenham adquirido um bom conhecimento do idioma. Quer dizer, teòricamente deviam ser capazes de falar e escrever com desembaraço, clareza e correção. A triste realidade, porém — e não podemos fechar os olhos a ela — é bem diferente. Não são raros os casos de alunos que recebem um diploma de Curso Superior sem saberem redigir uma página com correção, clareza e simplicidade. E há também os que sentem dificuldade em entender os textos cuja linguagem se eleve acima do nível do falar corrente, ou as obras de escritores um pouco antigos, algumas vêzes até mesmo do século passado.

Num Curso de Letras os professôres vão, como podem e à medida que os casos apàrecem, fazendo observações criteriosas que orientem o aluno no trabalho de desembaraçar a sua linguagem e de libertá-la de senões inaceitáveis. Em outros cursos, todavia, não é possível fazer isso, sendo o exame vestibular a última exigência oficial de conhecimento seguro do português.

Não vamos aqui discutir as causas dessa deficiência. Outros mais capazes já o fizeram e continuam fazendo. Nem podemos deixar de reconhecer que se estão envidando esforços para a eliminação dessa falha. Professôres licenciados em boas Faculdades de Filosofia, professôres esforçados e estudiosos já estão lecionando em Ginásios e Colégios, levando para êles novos métodos de trabalho e procurando melhorar, tanto quanto possível, o ensino da língua portuguesa.

Longe de nós qualquer intenção de zombaria ou uma injustificada atitude de superioridade. O que pretendemos neste trabalho é apenas apresentar aos professôres, e também

aos estudantes, os erros que aparecem em exames e redações de nossos alunos. Nosso campo de observação foram as provas de exames vestibulares da Faculdade de Filosofia de Marília, e as redações dos primeiranistas do Curso de Letras da mesma escola. Nossa esperança é que o conhecimento dessas deficiências possa mostrar-nos como eliminá-las.

Este trabalho foi-nos sugerido pelo Prof. Ataliba T. de Castilho que nos indicou o artigo "O diagnóstico precoce e constante da língua vernácula", do Prof. Soares Amora, publicado no revista **Português**, n.º 8, pp. 33-38, onde o autor sugere que se peça uma redação na primeira aula de cada nova classe e se relacionem os erros cometidos a fim de corrigi-los durante o curso.

Deliberou a Cadeira de Língua Portuguêsa desta Faculdade reservar uma das aulas semanais do 1.º ano para trabalhos práticos de redação, explicação de textos e comentários gramaticais e estilísticos. Alguns dirão que estamos rebaixando o nível do curso; nós dizemos que nos vimos obrigados a isso, para evitar a repetição de casos deploráveis: alunos dos 3.º e 4.º anos com deficiências enormes e nessa altura dificilmente sanáveis. A intenção da cadeira foi impedir o licenciamento de alunos dessa espécie; todos sabemos o que se diz das faculdades que os licenciam.

* * *

Mais uma referência ac Prof. Aubreton. Não nos podemos esquecer das constantes referências que êle fazia à importância do estudo do latim, e principalmente do grego, para aprimoramento dos estudos de língua portuguêsã. Durante o curso éramos levados a fazer extensas traduções e freqüentes versões.

As traduções obrigam o aluno a examinar minuciosamente o vocabulário e em especial a sintaxe portuguêsã, levando a procurar descobrir todos os recursos da língua para que a transposição seja fiel ao pensamento do original. As versões, por sua vez, exigem do aluno uma compreensão perfeita do texto português. De modo que os dois tipos de exercícios vêm a ser **preciosos auxiliares no aprendizado da língua portuguêsã**. Quantas vêzes alguns alunos eram obrigados a reconhecer que a versão grega que tinham feito de um trecho de Vieira, Bernardes, Matias Aires ou Eça de Queirós, demonstrava à saciedade que êles **não tinham entendido o original português**.

Pormenores sôbre êste ponto de vista podem encontrar-se no vol. V, de 1962, do "Boletim de Estudos Clássicos", da Associação de Estudos Clássicos do Brasil, págs. 85-95.

* * *

O que se nota nas redações e na linguagem oral de nossos alunos é a sua falta de sentimento da língua. São geralmente incapazes de dizer se certa expressão é comum ou rara, literária ou vulgar, nobre ou jocosa. Essa falta de sensibilidade decorre naturalmente da falta de leitura atenciosa de bons escritores.

Num mesmo trecho de suas redações aparecem construções normais e solecismos descabelados, expressões elegantes e fraseados desleixados da linguagem falada. Uma confusão desconcertante, uma colcha de retalhos!

Temos tentado fazê-los ver a diferença entre os diversos tipos de linguagem comparando textos literários de estilo austero (Rui Barbosa, Manuel Bernardes) com crônicas brasileiras modernas (Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Carlos Heitor Cony), onde muitas vêzes vem reproduzida a linguagem falada do brasileiro de hoje.

Fazemos questão de insistir em que não se deve usar sempre um estilo retesado. Uma carta a um amigo, uma crônica de jornal, uma conversa informal, um discurso de paraninfo, um tratado científico, uma tese de doutoramento, não podem ser vazados na mesma linguagem. Não se usa maiô numa cidade distante do mar, nem se toma banho de mar com terno, gravata e chapéu; ambas as excentricidades são ridículas. Embora apreciemos uma sinfonia de Beethoven e um samba brasileiro, não é possível reuni-los numa única composição: há ocasiões próprias para os dois. As redações dos alunos, entretanto, parecem isso: uma sinfonia que se interrompesse, continuasse como samba, depois como bossa nova, depois não se sabe como o quê...

As "soluções próprias" são em geral bastante curiosas. As vêzes são involuntariamente humorísticas, outras vêzes deixam o professor perplexo, porque não as entende. Como os jovens não conhecem expressões, torneios, fraseados de que a língua dispõe, inventam uma saída pessoal, alheia à tradição da língua e, como se pode imaginar, quase sempre desastrada. Escrevem "simples e puramente" porque não conhecem "pura e simplesmente", "sem dó e sem piedade" em lugar de "sem

dó nem piedade”. O leitor curioso poderá encontrar outros exemplos no decorrer dêste trabalho.

* * *

Não é intenção nossa discutirmos a estruturação das redações, a disposição do assunto, o encadeamento das idéias. Quase todos os professôres — não só os de português — conhecem a dificuldade que têm os nossos alunos em relacionar idéias e discorrer com clareza a respeito de um tema. Vemos nossos colegas perplexos, estupefatos ou exasperados diante de provas onde as idéias vão e vêm ao sabor do acaso, onde as partes não se ligam umas às outras de maneira nenhuma.

Limitar-nos-emos a observar que nas provas em estudo encontramos títulos alterados (um pouco diferentes do proposto), má compreensão e falta de discussão do significado do título, mau desenvolvimento do assunto, idéias sôltas. Proposto o tema “A literatura e a vida”, certa candidata fêz um resumo da história da literatura portuguesa e brasileira. Outra môça, que no colégio estudara mais ou menos minuciosamente o **Dom Casmurro** de Machado de Assis, não perdia oportunidade de falar nêle; diante do tema “Reminiscências de uma aula de português”, achou jeito de contar tôda a história de Bentinho e Capitu...

Para obviar a essa desorganização das redações é que a Cadeira de Língua Portuguesa desta Faculdade está introduzindo no 1.º ano de Letras o método francês da “explicação de textos”, entrosada com exercícios de redação. Esperamos que nossos alunos, depois de licenciados, tenham recursos para fazer a mesma coisa ou talvez algo melhor no ensino secundário, quando estiverem lecionando. Nosso alvo está um pouco distante, mas esperamos que os alunos assim preparados no secundário não cheguem ao limiar dos cursos superiores com incapacidades tão grandes como as dos atuais educandos.

Devemos à gentileza do Prof. R. Audubert, Catedrático de Língua e Literatura Francesa da Faculdade de Filosofia da USP, a indicação de alguns manuais escolares que a Biblioteca desta Faculdade está em vias de adquirir:

— Une réunion de professeurs, **100 textes des XVIIe, XVIIIe e XVIIIe siècles**. Paris, Librairie Générale de l'Enseignement Libre, [1948].

- Jean Thoraval, **La dissertation française** en première. L'explication de textes. 9e édition. Paris, Armand Colin, 1965.
- L. M. Bedout, **La composition française**. [Paris], Bordas, [1964].

Estamos, outrossim, entrando em contacto com a Cadeira de Francês, recentemente criada nesta Faculdade e regida pelo Prof. Robert Daudé, para aplicar ao ensino do português e transmitir aos nossos alunos essa rica experiência francesa.

A respeito do cuidado que os professores do Ensino Secundário devem ter no comentário gramatical dos textos, leiam-se as palavras de Antônio J. Chediak apostas, com o título de "Para esta edição", à 2.^a edição dos **Fatos da língua portuguesa** de Mário Barreto, "Organização Simões", 1954. Aí se condena a explicação da construção rara e excepcional, num estágio em que os alunos ainda não assimilaram bem os fatos normais e correntes do idioma.

O Prof. Segismundo Spina publicou no volume **Da Idade Média e outras idades**, pp. 37-47, o artigo "Palavras da Geração sem Palavras", cuja leitura é muito útil. Ele comenta também erros notados em trabalhos de alunos e de professores secundários.

Aos que desejarem sugestões para o ensino de redação oral e escrita no ensino médio indicamos o artigo "Metodologia da composição" do Prof. Ataliba Castilho. O artigo, que traz a indicação de alguns trabalhos relativos ao assunto, encontra-se no prelo, e deve sair no número 3 da revista **Didática** do Departamento de Educação desta Faculdade.

Quanto ao trabalho da composição, invenção, compreensão do assunto, escolha de um bom assunto, reunião dos documentos, organização dos materiais, plano, etc., podem-se ler:

- Antônio da Cruz, **Arte da composição e do estilo**. Petrópolis, Editora Vozes, 1951.
- Pierre Michel, **Initiation à la composition française**. Paris, Editions, de l'École, 1964.

* * *

Começemos com a ortografia.

É preciso confessar que, para alguns estudante, ortogra

fia é um problema superado; mas no outro extremo estão os que não sabem sequer que temos um sistema ortográfico oficial — o do **Pequeno vocabulário ortográfico da língua portuguesa** de 1943, da Academia Brasileira de Letras. Os senões aparecem na apresentação gráfica, na acentuação, no uso de iniciais maiúsculas e do hífen, na pontuação.

Os títulos das redações vêm geralmente sem grifo, a margem esquerda muito defeituosa, não se abrem novos parágrafos depois de terminado o período anterior. Exemplos:

Podemas dizer que são muitos, são incontáveis os frutos resultantes da aplicação das ciências sociais e, que no Brasil, essa aplicação se faz urgente e necessária, como podemos notar, por exemplos comuns e mínimos.

Ausência de parágrafo:

A indústria precisa saber o que o Brasil tem para doar-lhe e o que os homens sabem fazer. Está aí, pois, um sociólogo, para solucionar êste problema.

O político, a função dêle é saber que rumo o Brasil toma, em concomitância com os homens. Aí está um sociólogo.

“Ciências Sociais” é o curso que acompanhará o desenvolvimento cultural, econômico e político do Brasil.

O sociólogo será o médico das massas, o advogado do povo, o engenheiro da população.

O escritor escreverá seu romance, no ambiente urbano; o poeta cantará a natureza em função dos homens, a religião ensinará a massa a amar a Deus. Hoje mais do que nunca, homem algum é uma ilha.

Ciências Sociais será a literatura do futuro; a nova filosofia cujo princípio-base é: Pensamos, logo existimos.

Pode parecer que estamos insistindo em minúcias raras e sem importância; êsses “pequenos defeitos”, contudo, são tão frequentes, que nos vemos obrigado a porfiar na sua condenação. A falta de cuidado e de atenção chega a manifestar-se na repetição de palavras ou na ausência delas: “muita gente gostaria de visitar de visitar o Rio, já um bom de pesquisadores”; etc. No último caso parece faltar a palavra “número”.

Nota-se a falta de ponto nos ii e jj minúsculos, presença

de pontos nos II e JJ maiúsculos, cedilha defeituosa, perna do efe minúsculo voltada para a esquerda, acento à direita das maiúsculas, em vez de ser colocado em cima delas (“E’ em lugar de “É”, “Índia” por “Índia”), “x” com forma de “n” (“complenidade”, “enplica”, por “complexidade”, “explica”), “a” final com forma de “o” (“o calmo” por “a calma”), falta de til (“sao” por “são”), indicação da crase com acento agudo (“á” por “à”, palavras com sílabas separadas :

“O Roma nt is mo de i xa va de lad o a
pe rf ei çã o ó a for ma”.

(O Romantismo deixava de lado a perfeição da forma).

A separação entre horas e minutos é geralmente indicada com dois pontos ou com vírgula (característica do sistema decimal, e portanto errônea quando aplicada à subdivisão das horas, que é sexagesimal): 23:30 ou 23,30, em vez de 23 e 30 ou 23 h e 30 m, muitas vèzes lido erradamente “vinte e três e trinta horas”, como “dois e meio quilos”, em lugar de “dois quilos e meio”. De vez em quando aparecem algarismos no meio das orações: “Há 2 motivos*...” “Consideremos 3 casos...”

ACENTUAÇÃO. Um dos pontos mais atacáveis da nossa ortografia é o “acento diferencial” — geralmente inútil, algumas vèzes absurdo. É preciso distinguir “pode” (presente) de “pôde” (perfeito), mas quem confunde “eu gosto” com “o gôsto”? Quem usa “aquele”, do verbo “aquelear”, ou “estes”, e “neles” no plural?

Entretanto, a bem da uniformidade, é indispensável que sigamos à risca as normas oficiais. Sabem os franceses que o sufixo— *iser* (*civiliser*) deve ser escrito com -z- (port. *civilizar*). Mas enquanto a mudança não se faz **oficialmente**, todos escrevem com esse, para manter a uniformidade. Que aconteceria se cada um se pusesse a escrever como melhor lhe parecesse? O acento diferencial, porém, não é a maior dificuldade dos nossos alunos. Deixam de colocar acento, ou o colocam em demasia, nos mais variados casos.

FALTA DE ACENTO: Símbolo, análise, duvida, lágrima, America, esplendido, líderes, espirito. Magnificamente, provavelmente, intimamente, continuamente, somente. Ideia, assembleia, joia, boia, apoia. Município, História, suplicio, socio económico, misterio, proprio, inóio, início Marília. Açucar, terrível. Porem, alguém.

Pais, países, (pais, países), contribuíram usufruissem; possuía, caímos, contruíram, reunem, ai (ai). Bolsa, começo, este, fez, flores, força(s), (fosse(m)); moça(s), novo, peso, planeta(s), poderes, preto, professores, termo(s); toda(s), vezes.

EXCESSO DE ACENTO. Mòrmente, paradòxalmente. Aquí, daqui, alí, reuni-lo. Fantasia, exige; cáos papél, literatúra, náto, ináto, orgúlio, perseverança; refletido. Nêste, nêsse, dôres, êrros, vêr lêr, setôres; coêso; tôdo(s), pesquisa-dôres, francêses, vêz, escrevêmos, espêlho, desêjos; sêr, amôr segrêdos, belêza, coróas, prêsos, daquêles, chôros, exagêros, esfôrços (!), nô-lo (parecem não ter noção clara do que sejam palavras átonas).

OUTROS CASOS. Ausência de trema: frequentar, consequência, tranquilo. Palavras estropiadas ou com grafia errônea: veiu, adveiu, inteligende, magnetude, heterogenidade. pussemos, macomunado, juvenil, desafortúnios, Queiroz, Braz, epódio, italianismo, próprio, obceção (obsessão), Corrêa, conciente, Souza, gosado, analisado, analisar; pesquisa, pesquizador, atrazar, "avant primière", afim de (a fim de), porisso (por isso), de vagar (devagar).

MAIUSCULAS E ABREVIATURAS. Os nomes de ciências, meses, etc., aparecem incoerentemente ora com inicial maiúscula ora com inicial minúscula (às vezes optam por uma solução "porque em inglês é assim"): Filosofia, Março Abril, interior do estado.

Muitos desconhecem as abreviaturas oficiais: Ee. Uu. (E.U.A.), sr. (Sr.), Excia. (Ex.^a), V.S. (Vossa Santidade, por V.S.^a, Vossa Senhoria), apto. (ap. ou apart.). Abreviam palavras no meio do discurso (qdo., m.to, etc.). Nas abreviaturas dos ordinais usam um ou dois traços, em lugar do ponto: "2.º".

HÍFEN. Além de collocarem o hífen abaixo da letra no fim da linha — recurso de mau datilógrafo e completamente contrário ao uso da língua — repetem-no às vezes, ou mesmo sistematicamente, na linha seguinte, prática que o nosso vocabulário oficial não permite:

	Facul.
dade	disseram-
-lhe	guarda-
-roupa	nes
-se	nin-
-guém	aju
-da	

PONTUAÇÃO. Nas provas dos jovens aparecem variados erros de pontuação, por excesso e por falta; alguns leves, ou-

tros gravíssimos. No seguinte mostruário o leitor descobrirá os defeitos :

Estou consciente porém de que... A premência pois de Ciências Sociais é urgente. Hoje pois a ciência de todo cidadão é a sociologia. A cultura identifica um povo, uma raça, termos pois, a incumbência de formar uma cultura brasileira. Honra-me sobremaneira, pertencer à essa geração. Para isso trouxeram então, os lusos um imperador. Este estudo tem que ser constante pois, as sociedades evoluem. Sem a ciência o homem, nada representa.

As vêzes se nota ausência de ponto final, ponto de inter-rogação, ponto de exclamação. Outras vêzes os sinais de pontuação vêm afastados da palavra: “Uma riqueza : a cultura”.

* * *

Passemos ao comentário de outros casos, quase todos de sintaxe. Nesse campo notamos erros de regência verbal, colocação de pronomes, emprêgo do artigo, dos indefinidos e dos possessivos, solecismos, etc. Vejamos cada um deles em particular.

CRASE. É esse o estudo que vai estabelecer às condições para o coexistência da sociedade. Para que possamos utilizar àquilo que será de algum proveito. Honra-me sobremaneira, pertencer à essa geração. A exemplo de. A respeito de. Devido as necessidades. Chegamos as margens de um majestoso rio. Não desejo que aconteça isso as minhas amigas. Põe a gente a vontade. Não estar a altura do curso.

EXCESSO DE ARTIGO. A Copacabana, estar ao par de, ao meu ver.

FALTA DE ARTIGO. Estados Unidos é um país... Rio é uma cidade de turistas... Rio também chamada cidade maravilhosa. Os comerciantes suspendem preços de tudo. Todos meus colegas, apesar de tôdas recordações (construção clássica mas hoje completamente abandonada).

CONFUSÃO DE “TODO” E “TODO O”. Ao longo de tôda praia de Copacabana. Onde e aglomeram pessoas de todo continente (o contexto mostra que se trata do continente “inteiro”). Em tôda a regra há exceções. Em todo o caso.

ABUSO DE POSSESSIVOS E INDEFINIDOS. Conservava seus olhos abertos e seus ouvidos atentos. Nossa ânsia de ampliar os nossos conhecimentos. Desde o seu nascimento; o seu desenvolvimento, as suas idéias e as suas invenções, os seus costumes e o seu barbarismo.

Um dia uma nau estranha aproximou-se de um pôrto. Uma certa vez um certo homem...

REPETIÇÃO DO PRONOME PESSOAL. Eu tenho, eu fiz, eu fui...

REGENCIA VERBAL ERRÔNEA. A organização social reflete na organização econômica-política (sic) de um país. Preocupou muito com a questão de Cuba. Mas conformemos pois é o destino. O Governador atrazou. A missa só iniciou às 13 horas. Lembrarei do meu exame. Assistir filmes. Injustiças que contribuem na formação cultural de um povo. Muitos não o simpatizavam. Socorria os que afundavam, mesmo que isso arriscasse a sua própria vida. Não temos motivos para discordar com o que o povo diz. Cidade que tanto orgulha os brasileiros. A nossa evolução mental principiava-se devagar. Quando nos confrontamos diante do problema do próximo. Algum desbravador zunia o machado em suas árvores. As mudanças enormes que diferenciam o Rio de hoje ao de Estácio de Sá. Vamos nos amadurecendo com a experiência.

CONFUSÃO ENTRE "ESTE" E "ESSE", "AQUI" E "AI". Fui obrigado a lecionar. Por este motivo... Tenho dificuldade em redigir e espero que possa transpor este obstáculo. Conseguir vencer estas batalhas. Estudei em Salvador, foi aqui que...

COLOCAÇÃO DE PRONOMES. Nada parece-se. Quase desesperai-me. Parece que todo o mundo o-ha-me. Acho difícil me expressar. Preciso me esforçar. O homem se via em segundo plano num mundo onde o progresso científico tinha-lhe roubado a prioridade. Claro está que o aspecto baseou-se no espírito mercantilista. Estamos sempre nos amparando em conhecimentos alheios. O carioca que orgulha-se de sua cidade! Vamos nos amadurecendo com as experiências. Estávamos brincando, todos, quando ouviu-se um grito forte.

ORAÇÕES ADJETIVAS. Minha classe, que gosto muito. Professores que eu me reflro. Ao longo de toda praia de Copacabana há inúmeros baús onde a gente se senta nela diante da noite que começa. Matérias que eu descjava aprofundar-me. As matérias que eu encontro dificuldades. Muitas vezes nos desesperamos com algo que não devíamos. O curso que pretendemos fazê-lo. O Rio é uma cidade em que todos os brasileiros gostariam de conhecê-lo.

CONCORDÂNCIA. O conhecimento não são suficientes. Existe pessoas. Aglomerou-se os homens. Precisam-se de engenheiros. Têm-se dado grande importância à instrução pública. Estados Unidos é um país... Sendo necessário a escolha de um meio... Alarmantes problemas brasileiro. As queixas diárias.

* * *

Ressentem-se as redações de incoerências, expressões exageradas, bombásticas, ridículas, absurdas ou incompreensíveis. Agora talvez já não se trate de um problema de língua prò-

priamente dito, mas de saber pensar, de reconhecer o valor significativo das palavras.

Alguns exageros podem observar-se em exemplos como estes: Adoro! Adorei! Formidável! Odeio! Detesto! As belezas naturais do Rio de Janeiro são realmente algo fora deste mundo.

Grosso modo incluímos na designação de “impropriedades de expressão” os abundantes exemplos que se seguem:

O seu alto grande desenvolvimento. Homens de grande ideologia. Homens que requer elevar a sua nação. Conhecido em todo o globo mundial. Possuía realmente ideologia exata, que tinha um espírito de coletivismo e ainda democrático. O ideal de magnitude nas coisas. As sujeições, a que todo ser humano tem que se sujeitar desde que viva.

A demografia avolumou-se assombrosamente (a pessoa quis dizer “população”; “demagogia” é a estatística da população). A premência pois de Ciências Sociais é urgente. Um dos mais importantes aspectos baseou-se no espírito mercantilista (aspecto baseia-se?). Milhares de problemas, de diversos cunhos, urgem uma solução. Não posso dizer asseguradamente os meus pareceres. O padre Francisco chamou-os à atenção.

A ciência é a identificação do homem dentro da sociedade na qual vive. Em tempos remotos o homem já dava valor à sociologia.

Cada vez mais surgem as gírias. Algumas, aos poucos, vão passando mesmo para a nossa nomenclatura gramatical. Entretanto, o carioca as faz não por interesse filológico, mas porque êle é feliz.

Inicialmente ousou dizer que a literatura em sua essência é o pensamento refletido nas letras. Toda vez que escrevemos os nossos pensamentos se confluem na pena que seguramos e se borrifam em letras no papel que escrevemos. A literatura nos leva ao mundo dos sonhos e das quimeras realizadas. Nos desafortunados a literatura é um desabafar em prantos... A arte de escrever é a ação mecânica da pena no papel em consequência da vibração espiritual da alma em inspiração.

Aquêles sentimentos tão intraduzíveis e inexplicáveis por si mesmos, tão cheios de multiplicidade em seu todo, tão jovens de experiências e educação vão encontrando um amigo, tão semelhante a êles, em cada componente do que faz a verdadeira face espiritual dos escritores, e daqueles sobre os quais vamos conhecendo que também sentiram, amaram e viveram, dos quais as experiências de vida se assemelham à nossa.

Para os mais diversos gostos, existem em nossa literatura e na literatura mundial, a satisfação desejada. Na Idade Média

a literatura constava em canções de amigos, de amor, trovas, etc. O Classicismo como os outros movimentos, aparecem, chegam ao seu auge e tendem a declinar. O Romantismo deixava de lado a perfeição da forma e caracteriza-se pelo subjetivismo, quantidade de obras. José de Alencar escreveu em tôdas as fases do Romantismo, mas para mim ficou gravada a sua fase como indianista. O índio já está habituado a presença do branco.

Tem uns colegas que são melhores. Isso se deve por sempre eu ter estudado... É certo que aulas de alemão não tenham sido dadas. O professor de latim, gostei muito. O inglês eu tenho dificuldade. Não nego de que gosto.

Para encerrar este trabalho permitimo-nos transcrever algumas palavras do Prof. Segismundo Spina, que vêm no seu já citado artigo "Palavras da "Geração sem palavras":

"Atravessamos, sobretudo, uma fase em que o maior instrumento da inteligência está em bancarrota: a **palavra**, ou melhor, a língua de que nos servimos."

"De fato: ninguém mais lê. A característica intelectual mais evidente da nova geração é a incapacidade de exprimir-se, é a pobreza franciscana de vocabulário, é o apêgo à linguagem gírica como tábuas de salvação."

"Os professôres não sabem orientar a leitura de um texto, no sentido de **extrair dêle uma lição de vida e um aprimoramento de nossa sensibilidade lingüística**". (O grifo é nosso).

"O regresso, pois, do educando à leitura, é parte da terapêutica das enfermidades mentais de que padece a nossa geração." "A culpa dêsse estado de coisas não reside propriamente na nossa juventude: as causas são inúmeras, complexas (algumas até inevitáveis), e a terapêutica deve merecer por parte dos pedagogos especializados um estudo sério. Um estudo sério, porque se trata de calamidade."

* * *

Aos leitores atenciosos, professôres, alunos ou interessados, solicitamos o obséquio de nos enviar críticas ou sugestões, que serão bem recebidas.